

O CORPO EM ESCUTA ATIVA DO ESPAÇO: *FREERUNNING* ENQUANTO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E ARTE PERFORMATIVA

Wellington da Silva¹

Universidade Estadual do Paraná

Gisele Kliemann²

Universidade Federal do Paraná

 DOI: doi.org/10.33871/21750769.2026.22.1.11990

¹ Wellington da Silva é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual do Paraná. Educador Físico em formação pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisador e artista-performer, atua na interface entre Artes e Educação Física, com investigações sobre, improvisação, performatividade e *freerunning*. É licenciado em Artes pela UFPR.

 welington@ufpr.br

 orcid.org/0009-0008-4393-1346

 lattes.cnpq.br/1572672243440197

² Gisele Kliemann é Pesquisadora, Docente da Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná, Artista da Dança. Atuação e investigação na área de Artes, Dança, incluindo temáticas voltadas à arte e educação, dança contemporânea, improvisação, composição coreográfica, corpo e processos criativos. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná; Bacharel e Licenciada em Dança pela PUC/PR.

 gikakliemann@ufpr.br

 orcid.org/0000-0002-7788-1518

 lattes.cnpq.br/8372580056990987

O corpo em escuta ativa do espaço: *freerunning* enquanto experiência estética e arte performativa

Resumo: O presente artigo investiga o *freerunning* como prática corporal e campo de experimentação estética nas artes performativas, compreendendo o movimento criativo como forma de pensamento incorporado na relação entre corpo e ambiente. A pesquisa parte da experiência artística do movimento e desenvolve-se a partir das abordagens metodológicas da prática como pesquisa e da pesquisa-criação, articulando vivências corporais, registros de processo e reflexão teórica. O estudo dialoga com as perspectivas fenomenológicas de Merleau-Ponty (1996), com a experiência estética em Dewey (2010), a Teoria do Corpomídia de Katz e Greiner (2005, 2015), a cognição incorporada de Varela, Thompson e Rosch (2016) e a performatividade do corpo em Setenta (2008), mobilizando autores que investigam as relações entre gesto, memória e experiência sensível. As experimentações foram realizadas em diferentes contextos espaciais, permitindo que o corpo em estado de presença transformasse e fosse transformado pelo ambiente em um processo de coevolução e comunicação com o meio. Os resultados evidenciam que o gesto emergente no deslocamento atualiza memórias corporais e amplia as possibilidades perceptivas e criativas do corpo em interação com o ambiente, contribuindo para ampliar as investigações sobre práticas corporais e processos de criação no campo das artes performativas.

Palavra-chave: *Freerunning*; Artes performativas; Corpo-ambiente; Experiência estética; Improvisação.

The body actively listening to space: *freerunning* as an aesthetic experience and performative art

Abstract: This article investigates freerunning as a bodily practice and field of aesthetic experimentation in the performing arts, understanding creative movement as a form of thought embodied in the relationship between body and environment. The research starts from the artistic experience of movement and develops from the methodological approaches of practice as research and research-creation, articulating bodily experiences, process records, and theoretical reflection. The study engages with the phenomenological perspectives of Merleau-Ponty (1996), the aesthetic experience in Dewey (2010), the Body-Media Theory of Katz and Greiner (2005, 2015), the embodied cognition of Varela, Thompson, and Rosch (2016), and the performativity of the body in Setenta (2008), mobilizing authors who investigate the relationships between gesture, memory, and sensory experience. The experiments were carried out in different spatial contexts, allowing the body in a state of presence to transform and be transformed by the environment in a process of co-evolution and communication with the environment. The results show that the emerging gesture during movement updates bodily memories and expands the perceptive and creative possibilities of the body in interaction with the environment, contributing to broadening investigations into bodily practices and creative processes in the field of performing arts.

Keywords: Freerunning; Performing arts; Body-environment; Aesthetic experience; Improvisation.

El cuerpo escuchando activamente el espacio: el *freerunning* como experiencia estética y arte performativo

Resumen: Este artículo investiga el freerunning como práctica corporal y campo de experimentación estética en las artes escénicas, entendiendo el movimiento creativo como una forma de pensamiento encarnada en la relación entre cuerpo y entorno. La investigación parte de la experiencia artística del movimiento y se desarrolla a partir de los enfoques metodológicos de la práctica como investigación e investigación-creación, articulando experiencias corporales, registros de procesos y reflexión teórica. El estudio dialoga con las perspectivas fenomenológicas de Merleau-Ponty (1996), la experiencia estética en Dewey (2010), la Teoría Cuerpo-Medios de Katz y Greiner (2005, 2015), la cognición encarnada de Varela, Thompson y Rosch (2016), y la performatividad del cuerpo en Setenta (2008), movilizándolo a autores que investigan las relaciones entre gesto, memoria y experiencia sensorial. Los experimentos se llevaron a cabo en distintos contextos espaciales, permitiendo que el cuerpo, en estado de presencia, se transformara y fuera transformado por el entorno en un proceso de coevolución y comunicación con este. Los resultados muestran que el gesto emergente durante el movimiento actualiza la memoria corporal y amplía las posibilidades perceptivas y creativas del cuerpo en interacción con el entorno, contribuyendo a profundizar en las investigaciones sobre prácticas corporales y procesos creativos en el ámbito de las artes escénicas.

Palabras clave: *Freerunning*; Artes escénicas; Cuerpo y entorno; Experiencia estética; Improvisación.

*“A experiência é o que nos passa,
o que nos acontece,
o que nos toca.”*

Bondía

Introdução

O corpo em movimento se afirma como produtor de conhecimento sensível e como agente de transformação nos processos de criação artística, perspectiva amplamente discutida nas artes performativas contemporâneas. Nessa direção, o gesto ultrapassa a compreensão do movimento como simples expressão motora, revelando-se como forma de pensamento incorporado, capaz de articular experiência, memória e criação.

A compreensão do corpo como lugar de experiência encontra ressonância em estudos fenomenológicos clássicos, como os de Merleau-Ponty (1996). Não obstante, na experiência/sentido de Duarte Júnior (2000), Bondía (2002), Dewey (2010). Entretanto, pesquisas mais recentes referentes às artes performativas têm ampliado essa ótica ao compreender o corpo como instância comunicativa. A Teoria do Corpomídia³, formulada por Katz e Greiner (2005, 2015), oferece uma lente importante para compreender o corpo como instância ativa de comunicação com o ambiente. Longe de ser algo dado, estático ou isolado, o corpo se coloca no estado de sempre presente em processos de transformações contínuas, mesmo que nem sempre visíveis. Ele se comporta como uma membrana que delimita, mas também se deixa atravessar pelo mundo. A cada encontro, a informação recebida dialoga com a já existente, provocando atualizações em tempo real (Queiroz, 2009).

Práticas corporais que exploram a relação entre corpo e ambiente, ampliam as possibilidades investigativas ao deslocar o foco da execução técnica do movimento para processos de experimentação, sensibilização e percepção.

³ A Teoria do Corpomídia, desenvolvida por Helena Katz e Christine Greiner, compreende o corpo como um sistema em permanente processo de trocas com o ambiente, no qual informações, experiências e contextos culturais são continuamente incorporados e transformados. Nessa perspectiva, o corpo não funciona como um simples receptor ou suporte de mensagens, mas como mídia ativa que produz sentidos a partir das relações que estabelece com o mundo. A teoria articula contribuições de diferentes campos, como comunicação, semiótica, filosofia da mente e estudos da cognição, propondo compreender o corpo como processo evolutivo e relacional nas dinâmicas entre organismo, ambiente e informação (Greiner; Katz, 2005, 2015).

O corpo passa a atuar numa investigação sensível, onde o movimento, espaço e experiência se entrelaçam em dinâmicas de criação e invenção.

Nessa perspectiva, Cecília Almeida Salles (1998) compreende a arte a partir do fazer, inserida em um contexto histórico, social e artístico, no qual os processos criativos são atravessados por sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções conscientes e inconscientes. As ações realizadas nesta pesquisa, atravessadas por improvisações, percursos e interações com o ambiente, configuram-se como espaços de problematização e descoberta contínua, nos quais o corpo investiga suas próprias potências e limites. Desse modo, a investigação se constroi no entrelaçamento entre prática, percepção e escrita, configurando um processo de conhecimento que emerge da experiência sensível e das relações estabelecidas pelo corpo com o mundo.

O presente estudo propõe o *freerunning*⁴ como prática corporal e experimentação estética no universo das artes performativas. A pesquisa parte da experiência artística do movimento e desenvolve-se a partir das abordagens metodológicas da prática como pesquisa e da pesquisa-criação⁵, articulando vivências corporais, registros de processo e reflexão teórica. O estudo dialoga com a experiência estética, cognição incorporada e performatividade do corpo.

As experiências realizadas nos espaços de formação e atuação, tanto no âmbito acadêmico como nas vivências pessoais de *freerunning*, constituíram o caminho do processo investigativo. Por meio de registros visuais, anotações, escritas de processo e reflexões em diálogo com autores do campo da arte e da educação, foi possível refletir sobre as múltiplas formas de apreensão do mundo através do corpo em movimento, suas percepções, deslocamentos e improvisações. A metodologia se fez e refez no movimento, na relação dinâmica

⁴ As primeiras referências do termo *Freerunning* surgiram na mídia, em especial no Youtube com os documentários *Jump London* (2003) e *Jump Britain* (2005). Esses documentários são um marco histórico para o surgimento do *Parkour* e do *Freerunning* na Inglaterra, onde surgiram os primeiros grupos inspirados em Sébastien Foucan. Entende-se o *Freerunning* como um derivado da disciplina de movimento *Parkour* que combina criativamente elementos da ginástica artística, *Break Dance*, capoeira e outras artes marciais extremas. A ênfase do *freerunning* está em mover o corpo em interação com o ambiente de forma criativa. (Witfeld; Gerling; Pach, 2013)

⁵ Compreende-se pesquisa-criação como um método investigativo em que processos artísticos e produção de conhecimento se desenvolvem de forma indissociável. A criação não é apenas resultado da pesquisa, mas constitui também um modo de investigação e elaboração de conhecimento sensível, situado na experiência estética, na prática artística e nas relações entre arte, sociedade e cultura. Trata-se de uma abordagem relacional que integra práticas criativas, reflexão crítica e processos de experimentação como formas legítimas de produção de saber no campo dos estudos artísticos (Gómez, 2025).

com o ambiente e na escuta ativa do espaço, além das experiências que surgiram do próprio ato de performar.

Nesse percurso, a escrita performativa agregou como procedimento metodológico e estratégico de investigação — ‘escrevo, logo encontro um caminho’ — escrever tornou-se também uma forma de mover o pensamento, registrando percepções, sensações e deslocamentos que perpassam o corpo em experiência. A escrita deixa de operar apenas como descrição e passa a constituir-se como campo reflexivo que acompanha o movimento, permitindo articular prática artística, memória corporal e elaboração conceitual (Fernandes, 2008). Ao assumir a experimentação como eixo do processo investigativo, mobilizam-se práticas corporais que operam simultaneamente tanto como um espaço de investigação, quanto um dispositivo de elaboração poética.

A investigação não se limita à análise teórica do movimento, mas desenvolve-se a partir de experimentações realizadas pelo próprio pesquisador em diferentes contextos espaciais. As ações performativas constituem, assim, um lugar/corpo de investigação onde o corpo explora as possibilidades de si na relação com o ambiente, investigando o deslocamento de forma processual em consonância com a experiência cognitiva incorporada. Nesse processo, o corpo reconhece a si mesmo no espaço, produzindo modos singulares de percepção e de presença no mundo.

O aprimoramento dessa práxis nasceu, inicialmente, da experiência artística do movimento. Práticas corporais como a capoeira, a ginástica artística, o *breakdance* e a improvisação configuram caminhos de formação do repertório corporal e, nessa interconexão entre diferentes territórios do saber, revelam experiências vividas, na qual percepções, emoções e movimentos se entrelaçam e orientam a investigação sobre o *freerunning* em sua dimensão artística, pedagógica e performativa.

Essas vivências inscrevem-se na memória cognitiva dos gestos que carregamos no corpo, constituindo um repertório sensível que orienta o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração de proposições de movimento na dimensão artística-pedagógica. As experiências acumuladas ao longo do tempo

atravessam o corpo como memórias de formação e despertam a sensibilidade, articulando percepção, ação e movimento na construção de percursos que se desdobram em potências criativas.

A performatividade⁶ neste percurso emerge como uma inquietação dos modos habituais de deslocamento pelo espaço. De certa maneira, *freerunning* nos convida a insurgir através do corpo, com o corpo e pelo corpo, experimentando o movimento como forma de presença no mundo. Ao explorar percursos e obstáculos, o praticante mobiliza memórias afetivas reeducando o gestual em um processo coevolutivo e sensível de aprendizagem pela experiência.

Fazer arte no corpo, com o corpo e pelo corpo torna-se também um modo de posicionamento, um corpo político que se constroi na reinvenção de si e do mundo, onde o praticante também reinventa continuamente sua relação com a prática e com a própria pesquisa. Assim, o *freerunning* pode ser compreendido como prática artística e performativa, que vai além da performance, nota-se que o movimento não apenas desloca o sujeito no espaço, mas enuncia relações, percepções e modos de existência que emergem da experiência situada. Entende-se, aqui, experiência situada como a vivência construída na relação direta entre corpo, ambiente e contexto, atravessada pelas percepções, afetos e condições presentes em cada acontecimento. Nesse sentido, o conhecimento não surge de forma abstrata ou universal, mas da experiência sensível e singular que o sujeito estabelece com o espaço e com o movimento vivido.

O *freerunning* convoca o corpo a uma escuta ativa do espaço, estimulando a invenção de trajetos e o despertar de uma consciência sensível e criativa. Superar obstáculos físicos e mentais torna-se apenas um dos aspectos filosóficos dessa prática que, em sua essência, revela o potencial expressivo e transformador que se estabelece na relação viva entre corpo e ambiente.

⁶ Compreende-se a performatividade como ações corporais que expressam significados e produzem sentidos no próprio processo de movimento e interação com o espaço, configurando-se como uma forma de conhecimento, criação artística e um posicionamento político, onde o corpo marca a presença no mundo como sendo seu próprio assunto e agente de transformação. (Setenta, 2008).

Apesar da crescente presença do *freerunning* em diferentes contextos urbanos e midiáticos, sua investigação na arte e em pesquisas acadêmicas ainda permanece incipiente, sobretudo no contexto brasileiro. Grande parte das produções existentes concentra-se em abordagens esportivas ou fisiológicas, deixando em segundo plano suas dimensões estéticas, sensíveis e performativas. Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão central: de que maneira o *freerunning* pode vir a ser compreendido como prática artística e performativa capaz de produzir sentidos e significados como potenciais criativos de movimentos a partir da relação viva entre corpo e ambiente? A partir dessa indagação, desdobram-se outras questões que acompanham os devires da investigação: o que pode o corpo no ambiente? De que modo afetamos e somos afetados por ele? Em que medida o ambiente se apresenta como convite ao movimento?

Evidencia-se que corpo e mente são dimensões indissociáveis nas práticas corporais, e a consciência dessa unidade repercute diretamente na qualidade de vida, na percepção de si, na relação com o mundo e no modo como habitamos o espaço (Queiroz, 2009). O *freerunning* possibilita que cada praticante elabore um repertório próprio, um movimento autoral que surge do encontro entre a história corporal e a reminiscência corporificada de gestos e experiências. Este estudo propõe refletir sobre como tais vivências podem ser compreendidas, elaboradas e compartilhadas nos campos das artes performativas, ampliando os horizontes formativos na perspectiva do artista-pesquisador-educador.

Freerunning: genealogias na arte do deslocamento

A origem do *freerunning* tem base histórica no *méthode naturelle*⁷, sistema de treinamento físico desenvolvido por Georges Hébert no início do

⁷ O *Méthode Naturelle* foi desenvolvido por Georges Hébert no início do século XX, a partir de suas experiências na Marinha francesa e de observações realizadas em viagens. Inspirado pelo contato com povos nativos e por correntes pedagógicas naturalistas, Hébert propôs um método de educação física integral que buscava o desenvolvimento harmônico do corpo, da coragem e do altruísmo. Sua sistematização aparece na obra *Guide Pratique d'Éducation Physique* (1909), onde organiza dez grupos de exercícios naturais e utilitários praticados ao ar livre, voltados à formação de sujeitos fortes e úteis à sociedade (Witfeld; Gerling; Pach, 2013; Jubé, 2020).

século XX. Inspirado pelas habilidades corporais que observou em povos africanos durante suas viagens, Hébert formulou um método baseado na realização de movimentos naturais, como correr, saltar, escalar, equilibrar-se e nadar, em ambientes variados. Sua proposta buscava desenvolver capacidades físicas e mentais de maneira integrada, valorizando princípios como força, coragem, resistência, altruísmo e utilidade social, além de rejeitar a lógica competitiva predominante em muitas práticas esportivas (Witfeld; Gerling; Pach, 2013; Jubé, 2020).

Ao final da década de 90, essas ideias foram retomadas e ressignificadas por um grupo de jovens na França, interessados em explorar novas formas de deslocamento pelo espaço urbano, o *parkour*⁸, prática fundada por David Belle, caracterizada pelo deslocamento eficiente através de obstáculos presentes na arquitetura das cidades. O praticante, denominado *traceur*, termo que remete àquele que traça um caminho ou linha, busca percorrer trajetos de forma rápida, fluída e controlada, desafiando percursos previamente estabelecidos e explorando possibilidades alternativas de deslocamento no ambiente (Witfeld; Gerling; Pach, 2013).

8

A partir dessa base técnica e filosófica, desenvolve-se o *freerunning*, prática vinculada a Sébastien Foucan e compreendida como um desdobramento do *parkour*. Embora compartilhe seus fundamentos, sobretudo o domínio do corpo em interação com o ambiente, o *freerunning* amplia essa abordagem ao incorporar dimensões expressivas e criativas ao movimento. Nesse contexto, o percurso deixa de estar orientado exclusivamente pela eficiência e passa a incluir movimentos acrobáticos, giros e improvisações que transformam o deslocamento em uma experiência estética e performativa. Caracteriza-se como uma prática híbrida que articula técnica, sensibilidade e imaginação, permitindo ao praticante criar modos singulares de interação diante das condições do ambiente (Witfeld; Gerling; Pach, 2013).

As práticas de *freerunning* são fundamentadas e apresentadas como princípios técnicos abertos, como rolamentos, equilíbrios, saltos, giros e

⁸ A palavra *parkour* é de origem francesa "parcours", que significa "percurso".

deslocamentos, integrados a percursos criativos. Esses fundamentos operam menos como técnicas fixas e mais como dispositivos de exploração do movimento, possibilitando que cada corpo desenvolva modos singulares de relação com o espaço. A improvisação atua como elemento privilegiado de desenvolvimento nesse processo ao valorizar a experimentação, o imprevisto, os desafios e a descoberta como componentes constitutivos da experiência. Ao incorporar essas dimensões no percurso investigativo, amplia-se o repertório corporal e favorece-se o desenvolvimento de uma autonomia criativa, na qual o gesto passa a emergir como resposta sensível às situações vividas no ambiente.

Corpo-ambiente: percepção, gesto e experiência

Compreender o corpo como produtor de conhecimento sensível desloca o entendimento tradicional do movimento enquanto simples execução motora. Visto que, em artes performativas, o gesto passa a ser reconhecido como manifestação expressiva capaz de articular percepção, memória e criação, como pensamento incorporado. O corpo realiza movimentos e produz sentidos por meio de suas ações, instaurando modos singulares de existir e se relacionar com o espaço. Através das relações que se estabelece entre corpo e ambiente, se produz sentido, provocando uma experiência estética (Dewey, 2010), como forma de compreender o mundo. A experiência, portanto, é algo que se desenvolve nas relações vividas do indivíduo com o seu entorno, uma vez que “a natureza da experiência é determinada pelas condições essenciais da vida” (Dewey, 2010 p. 74).

A experiência estética é marcada pela sensibilidade e alimenta a capacidade de criar e explorar espaços outros que ultrapassam os limites do próprio corpo (Dewey, 2010). Estabelece-se um diálogo constante entre forças internas e externas, onde a experiência se constitui no interstício, isto é, no espaço relacional entre corpo e ambiente, compreendendo este lugar/corpo como meio de interação e produção de sentidos através da percepção.

A percepção se apresenta como operação cognitiva e como experiência vivida originada na interação contínua entre corpo(s) e ambiente. “É

corporalmente que percebemos o mundo; a única maneira de perceber é experienciar, vivenciar corporalmente” (Gomes, 2021, p.71), o que determina que práticas corporais focadas na percepção são extremamente relevantes.

A experiência vivida se corporifica, transcendendo a lógica racional e revelando a força sensível do deslocamento que atravessa a vida (Borges, 2023). A arte do deslocamento, expressa no *freerunning*, coloca em cena o indeterminado e o improvisado, desafiando perspectivas redutoras do movimento. O gesto então, nasce como manifestação auto expressiva das forças que atravessam o corpo, materializando-se em ações que incorporam memória, percepção e experiência no movimento.

A noção de percepção corporificada encontra ressonância nas contribuições da teoria da enação⁹ desenvolvida por Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), Evan Thompson e Eleanor Rosch (2016). Segundo estes autores, cognição e ação constituem processos inseparáveis que emergem da relação sensório-motora entre organismo e ambiente. Conhecer não significa representar mentalmente um mundo externo previamente dado, mas participar ativamente de sua constituição por meio da experiência corporal situada. A cognição, portanto, manifesta-se como um saber-fazer incorporado, situado na percepção, no movimento e que se organizam em padrões sensório-motores e orientam o agir no mundo (Varela; Thompson; Rosch, 2016).

[...] a abordagem da enação afirma que a cognição não é a representação de um mundo prévio por uma mente pré-existente, mas sim, a enação de um mundo e uma mente com base numa história de ações diversas realizadas pelo ser no mundo. (Varela *et al.* 2016, p.46).

⁹ O conceito de enação foi desenvolvido por Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), sendo posteriormente aprofundada por Evan Thompson e Eleanor Rosch (2016) no campo das ciências cognitivas. A teoria propõe que o conhecimento emerge da interação sensório-motora entre organismo e ambiente, enfatizando o papel da experiência corporal na constituição da cognição.

Figura 1 – Corpo em voo



Fonte: acervo pessoal, Matinhos-PR (2023)

11

No contexto do *freerunning* e das práticas improvisacionais, a cognição enativa evidencia-se na maneira como o corpo estabelece um acoplamento sensível com o ambiente. Cada salto, rolamento, apoio ou deslocamento constitui uma resposta perceptiva às condições espaciais encontradas, como alturas, superfícies, texturas e distâncias. Essa negociação proporciona um leque de experimentações nas quais percepção, equilíbrio e imaginação se articulam continuamente na construção do gesto.

No entanto, o corpo reage ao ambiente e participa de sua construção perceptiva, reorganizando continuamente seus padrões de movimento a partir das experiências vividas. Nesse sentido, a improvisação articula-se como um dispositivo criativo que mobiliza atenção, escuta ativa do espaço, adaptação e invenção de novas possibilidades de mover-se, atualizando a memória sensório-motora do corpo e permitindo que novos gestos sejam elaborados a partir do encontro entre experiências prévias e circunstâncias presentes.

A prática da improvisação amplia limites perceptivos, relações, resgata memórias e constroi novos conhecimentos a partir das vivências que se apresentam no ato do fazer, explorando a

criatividade e o movimento pensamento (Kliemann, 2025 p. 1567).

Diferentemente de estruturas previamente estabelecidas, os movimentos inspirados na prática do *freerunning* surgem do encontro direto entre corpo e espaço, como respostas sensíveis às condições presentes no instante da ação. No contexto acadêmico, tais práticas por vezes são compreendidas como “outras danças”, categoria que busca ampliar os modos de pensar o movimento para além das tradições coreográficas instituídas.

Quando se entende a dança como algo que inscreve no corpo esse comprometimento tácito (que toda criação humana expressa) entre as explicações de mundo e o modo de viver nele, então o corpo passa a ser compreendido como uma narrativa cultural que se constroi evolutivamente (Britto, 2008, p. 87 *apud* Peixoto, 2013)

Na experiência de quem pratica *freerunning*, se desenvolve sobretudo uma memória corporal a partir do gesto improvisado, o corpo ajusta seus deslocamentos às possibilidades oferecidas pelo ambiente, produzindo trajetórias singulares. Essa prática convoca o praticante a responder às condições do ambiente, ajustando seus movimentos às superfícies e distâncias encontradas e ao que surge no percurso, provocando desafios e atualizações em tempo real.

Tal compreensão aproxima-se das perspectivas da cognição incorporada, segundo as quais o conhecimento se manifesta como um saber-fazer que se constitui na ação e na relação com o mundo. Nessa direção, a teoria da enação compreende a aprendizagem como transformação nas possibilidades de ação do sujeito em determinadas circunstâncias, destacando o papel da experiência sensório-motora na construção do conhecimento (Gavillon; Kroeff; Maraschin, 2020).

Essa transformação se manifesta na ampliação do repertório gestual e na capacidade do corpo de perceber novas possibilidades de movimento nos ambientes explorados. A cada nova situação vivenciada, o corpo reorganiza suas possibilidades de ação, atualizando repertórios motores e expandindo modos de perceber e habitar o espaço. A aprendizagem ocorre como

transformação nas possibilidades de agir diante das condições do mundo, configurando aquilo que a teoria enativa descreve como mudança nos padrões sensório-motores do sujeito (Gavillon; Kroeff; Maraschin, 2020). Nessa ótica, o gesto performativo passa a ser a expressão de uma inteligência corporal situada, que se atualiza em relação de codependência com o ambiente.

O ser humano possui em suas células um imenso leque de possibilidades de gestos que vão além dos objetivos funcionais e mecânicos. Os movimentos estão sempre atrelados ao universo afetivo e cultural, construindo pontes e representações entre as ações motoras e o mundo imaginário (Bertazzo, 2015). Nesse entrelaçamento, o gesto torna-se expressão sensível da experiência vivida. Cada movimento carrega vestígios de memórias corporais e experiências acumuladas, atualizando no presente aquilo que o corpo aprendeu ao longo de sua trajetória.

Percursos e desdobramentos

13

Esta pesquisa reúne experiências vividas em diferentes contextos formativos que atravessam a prática artística, a investigação do movimento e a educação sensível do corpo. Esses espaços podem ser compreendidos como territórios de experiência nos quais o corpo, em estado de escuta e atenção, torna-se propositor de percursos e mediador entre experiência e conhecimento.

A partir dessas experiências, evidencia-se a emergência de um corpo propositor, compreendido não como um corpo que apenas executa movimentos previamente estabelecidos, mas como um corpo que investiga, percebe e produz sentidos na relação contínua com o ambiente. Em diálogo com Rosemeri Rocha da Silva (2013), o corpo propositor constitui-se na experiência perceptiva e na capacidade de transformar sensações, memórias e atravessamentos em proposições de movimento e criação. Nesse processo, o gesto nasce das negociações entre corpo e espaço, articulando percepção, ação e cognição incorporada como potência criativa. O *freerunning*, nessa perspectiva, amplia as possibilidades de experimentação ao convocar o praticante a elaborar percursos sensíveis e modos singulares de habitar o ambiente.

Conforme propõe Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (2008), o habitar ultrapassa a materialidade dos lugares e se inscreve na experiência sensível daquele que os vivencia. Sob essa ótica, escadas, paredes, ruas e corredores deixam de ser meras estruturas arquitetônicas para tornarem-se campos de devaneio e criação, nos quais a imaginação corporifica o espaço e o transforma em experiência poética.

Figura 2 - Corpo em suspensão



Fonte: Acervo pessoal, Matinhos-PR (2025)

A partir dessas vivências emergem modos outros de percepção, em que o movimento se revela, em sua expressividade, como forma de pensamento em ação. “O corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e

esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais” (Duarte Júnior, 2000 p.132). E nessas andanças, o gesto articula memória, percepção e imaginação na construção dos sentidos.

A relação corpo-ambiente revela-se um campo promissor para investigações nas artes performativas, pois evidencia que o conhecimento não se produz apenas por via discursiva, mas também pela experiência incorporada do mover-se em percursos sensíveis no espaço urbano, natural e institucional. O percurso transforma-se em processo criativo, em que o corpo experimenta diferentes ritmos, dimensões, direções e intensidades de movimento, elaborando modos sensíveis de habitar e ressignificar os espaços. O *freerunning*, portanto, se configura como um lugar/corpo em que o gesto em movimento continua a produzir memórias, percursos e novas formas de experiência estética.

Evidenciam-se, nesse percurso, múltiplos desdobramentos que tensionam e ampliam os modos de compreender o(s) corpo(s) e suas dança(s). Mais do que reunir elementos coreográficos, técnicas ou conceitos associados às diferentes práticas corporais, a pesquisa desloca seu foco para a compreensão do corpo como produtor de conhecimento sensível no campo das artes performativas. Nessa perspectiva, o *freerunning* configura-se como um dispositivo de experimentação e comunicação contínua entre corpo e ambiente, no qual o movimento emerge das relações perceptivas, afetivas e cognitivas estabelecidas com o espaço.

Retomamos as questões que orientaram esta investigação: de que maneira o *freerunning* pode vir a ser compreendido como prática artística e performativa capaz de produzir sentidos e significados como potenciais criativos de movimentos a partir da relação viva entre corpo e ambiente? O que pode o corpo no ambiente? De que modo afetamos e somos afetados por ele? Em que medida o ambiente se apresenta como convite ao movimento?

Torna-se possível reconhecer que tais indagações não se encerram em respostas definitivas, mas se desdobram em novas possibilidades de investigação. Mais do que oferecer conclusões fechadas, propomos a continuidade dessas reflexões, abrindo caminhos para futuras pesquisas que

aprofundem as relações entre gesto, improvisação e experiência estética no universo das práticas corporais performativas.

A investigação processual, permite compreender o *freerunning* como um campo de experimentação estética onde o corpo, ao deslocar-se no ambiente, responde às condições espaciais e participa ativamente de sua reinvenção. Cada percurso realizado produz uma poética nova que emerge da escuta ativa do espaço, da atenção ao ambiente e da improvisação que atravessa o gesto afirmando o corpo como território vivo de conhecimento, em constante transformação. A cada deslocamento, o gesto reinscreve as memórias acumuladas pelo corpo, permitindo novas possibilidades de ação, percepção e criação.

Este estudo aponta para a abertura de novos caminhos de pesquisa no território nacional brasileiro, uma vez que ainda são escassos os estudos que abordam o *freerunning* em sua dimensão artística. Investigações futuras podem aprofundar o diálogo entre *freerunning*, dança contemporânea, práticas somáticas e processos de criação performativa, ampliando o repertório crítico e reflexivo sobre essa prática no país.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BERTAZZO, Ivaldo. **Corpo vivo: Reeducação do movimento**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BORGES, Hélia. **Lab corpo palavra: Sobre a força que escapa**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2023.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fonte, 2010.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**; Campinas: Papyrus, 2000.
- FERNANDES, Ciane. **A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- FERNANDES, Ciane. **Entre escrita performativa e performance escrita: o local da pesquisa em artes cênicas com encenação**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAN, Sébastien. **Freerunning: Find Your Way**. Londres: Michael O'Mara, 2009.
- GAVILLON, Póti Quartiero; KROEFF, Renata Fischer da Silveira; MARASCHIN, Cleci. Enação, ensino e aprendizagem. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 3, p. 129-139, 2020.
- GOMES, Débora de Oliveira Rodrigues. Em defesa da dança: uma arte vital e inerente ao homem. In: GUIMARÃES, Ana Cristina Melo et al. (org.). **Conversas em movimento: múltiplas trajetórias em criação e ensino da dança**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2021. p. 69-103.
- GÓMEZ, Pedro Pablo. Pesquisa-criação e conhecimento a partir de estudos artísticos: na pista da decolonialidade estética. **Revista Encanterias**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 119-152, abr. 2025.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena. **Arte & cognição: corpomídia, comunicação, política**. São Paulo: Annablume, 2015.
- UBÉ, Carolina Nascimento. Método Natural de Georges Hébert: princípios e primeiras influências (1905-1914). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, e2020, 2020.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria da corpomídia. In: GREINER, Christine (Org.). **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005. (p. 125-133).
- KLIEMANN, Gisele. Improvisação: começo, meio e começo, na formação do artista, pesquisador docente. In: **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA (ANDA)**, 8., 2025, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA); Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGDAN/UFRJ), 2025.
- MATURANA, H. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fonte, 1996.
- PEIXOTO, Bianca Simões. Dança, circo e risco: diálogos na cena contemporânea. **aSPAs – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 85-95, 2013.
- QUEIROZ, Clélia Ferraz Pereira de. **Corpo, mente, percepção: movimento em BMC e dança**. São Paulo: Annablume, 2009.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, Rosemeri R. **Uno, mapa de criação**: ações corporalizadas de um corpo propositor num discurso em dança. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WITFELD, Jan; GERLING, Ilona E.; PACH, Alexander. **The ultimate parkour & freerunning book: discover your possibilities**. London: Meyer & Meyer Sport (UK), 2013.

Recebido: 15/03/2026
Aceito: 27/04/2026